

Violência doméstica contra mulheres: Impacto psicológico e alternativas de recuperação.

RESUMO: A violência contra a mulher têm uma maior prevalência no ambiente doméstico, esfera socialmente estabelecida para a mulher, no seu convívio familiar, onde mora e constitui sua família. A partir deste estudo, profissionais da psicologia encontrarão subsídios para traçar caminhos mais eficientes no tratamento da vítima de violência, identificando a maneira como a situação de abuso físico e emocional afeta suas vidas e procurando proposições de tratamento mais adequados para estas vivências, ainda que sejam vistas como objeto de preconceito em uma sociedade machista e patriarcal. A pesquisa tem como objetivo compreender o impacto das situações de violência doméstica na vida das mulheres e as estratégias de mudança e de recuperação das vítimas. Tem-se como intuito contribuir para o aprimoramento das práticas psicológicas a partir do entendimento deste fenômeno. Para esta pesquisa, utilizou-se uma metodologia de natureza qualitativa do tipo exploratória com a realização de entrevistas semi-estruturadas com cinco mulheres vítimas de violência doméstica na idade entre 18 e 45 anos. A partir da análise das entrevistas, chegou-se às seguintes categorias: percepção da violência, medo e indignação, depressão e formas de enfrentamento. Concluiu-se que a violência despertou nas entrevistadas vários sentimentos como revolta, indignação, medo e causou alguns danos emocionais, mas gerou um enfrentamento de vida e na busca de mudanças de atitudes. Além disso, a vivência fomentou uma conscientização nas participantes de que não poderiam aceitar ser tratadas daquela forma. Embora refiram possuir feridas profundas na alma, as mulheres entrevistadas estão se refazendo e enfrentando as situações de violência perpetradas pelos agressores.

Palavras-chave: Violência; Mulher; Psicologia

ABSTRACT: Violence against women has a higher prevalence in the domestic environment, as it corresponds to a sphere socially established for women - in their family life and where they live. From this study, psychology professionals will find ways to identify more efficient ways to treat victims of violence, identifying how physical and emotional abuse affects their lives, and looking for more appropriate treatment proposals, even if these experiences are seen as an object of prejudice in a machista and patriarchal society. The research aims to understand the impact of domestic violence situations on women's lives and to comprehend the victims' strategies of change and recovery. It is intended to contribute to the improvement of psychological practices from the understanding of this phenomenon. For this research, a qualitative exploratory-type methodology was used, with semi-structured interviews with five women victims of domestic violence between the ages of 18 and 45 years. From the analysis of the interviews, the following categories were reached: perception of violence, fear and indignation, depression and coping strategies. It was concluded that violence aroused in the interviewees various feelings such as revolt, indignation, fear and some emotional damage, but it has also generated a life confrontation seeking for changes in their attitudes. In addition, the experience promoted an awareness among participants in the sense that they could not accept being treated in a violent way. Although they claim to have deep wounds in the soul, the interviewees are redoing themselves and dealing with the violence perpetrated by the aggressors.

Key-Words: Violence; Woman; Psychology

INTRODUÇÃO

A violência doméstica acontece com toda a sociedade, sem distinção de raça, cor, idade, educação ou condição socioeconômica. Ela é mais comum entre as mulheres. E é predominante nas classes menos favorecidas.

Para Oliveira (2015), dentre as formas mais generalizadas de violência contra a mulher, destacam-se a violência física praticada por parceiro íntimo e a violência sexual.

No artigo 5º da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Pena, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

Existem diferentes formas de violência e a que mais se destaca é a psicológica, Zancan (2013), seu desenvolvimento ocorre silenciosamente e progride sem ser identificado, deixando marcas nas pessoas envolvidas. As autoras referem que a “principal diferença entre violência doméstica física e psicológica é que a primeira envolve atos de agressão corporal à vítima, enquanto a segunda forma de agressão decorre de palavras, gestos, olhares a ela dirigidos, sem necessariamente ocorrer o contato físico”. Considerando suas características, a violência psicológica geralmente evolui para a violência física.

Vieira (2012), frisa que durante séculos a violência contra as mulheres reduziu-se à intimidade do lar. Esta situação ainda é uma forma de autoridade com domínio pleno e absoluto do homem, aceita e legitimada pela sociedade, de tal modo que se configura como uma atitude naturalizada.

Segundo Oliveira (2015) a violência doméstica é vista como um fenômeno complexo, com causas culturais, econômicas e sociais, aliado à pouca visibilidade, à ilegalidade e à impunidade, a violência doméstica contra mulheres é o que enaltece o poder e a força física masculina e a história de desigualdades culturais entre homens e mulheres, por meio dos papéis estereotipados, legitimam ou exacerbam a violência.

1. REFERENCIAL TEÓRICO:

1.1 Violência doméstica, uma questão que ocorre no Brasil.

A definição de violência é variável de acordo com a cultura de cada região do Brasil. Segundo Schraiber (2007), no Brasil, estudo de base populacional mediu a ocorrência de violência contra as mulheres, 21 realizado com amostra representativa nacional de 2.502 mulheres de 15 anos ou mais. Nessa investigação 43% das brasileiras declararam ter sofrido violência praticada por um homem na vida; um terço admitiu ter sofrido alguma forma de violência física, 13% sexual e 27% psicológica. Maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados foram os principais

agressores, variando de 88% dos autores de tapas e empurrões a 79% dos perpetradores de relações sexuais forçadas.

1.2. Violência doméstica segundo a lei 11.340, lei Maria da Penha.

A lei brasileira que dispõe sobre violência doméstica (Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006) cria mecanismos para coibir e prevenir a violência contra a mulher.

Configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. (Lei nº11340 de 7 de agosto de 2006).

A violência contra a mulher é bastante recorrente nos dias atuais principalmente nas formas: Física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A forma física que são todas e quaisquer condutas contra integridade e saúde corporal. A violência psicológica que são aqueles danos emocionais causados por agressão verbal, diminuindo a auto estima da mulher, algumas formas de controlar suas ações, comportamentos, crenças, decisões, mediante ameaças, constrangimentos, humilhações entre outras formas de controle do direito de ir e vir da mulher. A violência sexual que é todo tipo de constrangimento, quando a relação sexual não é do consentimento da mulher e sim sob ameaças, uso da força e de toda forma de manipulação sexual. A violência patrimonial entendida retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos da mulher. E por fim a violência patrimonial, são as calúnias, difamações ou injúrias (Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006) .

1.3. Políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência contra a mulher.

Conforme Souza (2015), as políticas de enfrentamento à violência contra a mulher não estão ainda implementadas, sendo assim os profissionais que trabalham com as vítimas de violência encontram dificuldades no exercício de seu trabalho. Também há uma escassez de teorias e técnicas que norteiem a atuação dos psicólogos nesse campo.

Segundo Souza (2015) a violência contra a mulher é resultado de relações desiguais entre homens e mulheres; acontecendo quase sempre em função de determinações históricas e da construção social que privilegia o masculino.

As prioridades e avanços no enfrentamento da violência contra a mulher são: ampliação e aperfeiçoamento da rede de prevenção e atendimento; revisão e implementação da legislação nacional a fim garantir a aplicação dos tratados internacionais ratificados; promoção da atenção à saúde das mulheres em contexto de violência; levantamento e sistematização dos dados e informações sobre a temática; capacitação de lideranças comunitárias e profissionais das áreas de segurança pública, saúde, educação e assistência social para trabalharem nesse contexto; e facilitação do acesso à justiça e à assistência jurídica gratuita (BRASIL, 2011a).

1.4 Perfil da vítima que decide denunciar a violência.

Para Vieira (2012), a mulher que decide denunciar a situação de violência vivenciada é bem difícil romper com o ciclo de violência. E este ciclo ou fases se repetem ritualisticamente, Sousa, 2013. A primeira destas fases é formada por humilhação, intimidação, provocações mútuas, seguida pelo uso de estratégias de ameaças como a separação, o impedimento de participação na vida dos filhos, entre outras, finalizando o conflito em agressão física. O perfil desta mulher conforme Sousa (2013), é em geral independente de religião, idade, ou cor, nacionalidade, opção sexual, condição social. É considerado um problema mundial, ligado ao poder, privilégio e controle masculino, possuindo um efeito social e afetando o bem estar, a segurança, as possibilidades intelectuais e de educação pessoal das vítimas e a auto estima destas mulheres.

Para Sousa (2013), reconhecer os danos causados pela violência é bem complexo. Necessário é cuidar da vítima em sua integralidade, através de um conjunto de ações e serviços preventivos e curativos. Há uma necessidade de planejar estas ações de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Existe ainda a tentativa de conhecer como é a vida desta vítima em seu lar, ouvi-la. Assim podendo ter um diagnóstico da vida dela e do local onde ela vive.

1.5 Os principais prejuízos nas esferas sociais, psicológicas e ocupacionais das mulheres que sofreram violência doméstica.

Segundo Fonseca (2012), a maior prevalência da violência contra a mulher vêm causando danos sérios na saúde da vítima, tanto emocionais como psicológicos. Percebeu-se também que o ciclo da violência é alimentado pelos sentimentos de culpa, tolerância e baixa auto estima das mulheres que sofrem a violência doméstica. Precisamos tentar compreender como o fenômeno da violência sofrida pelas mulheres, interfere em suas vidas, no convívio social, Além das consequências em sua vida profissional. Fonseca (2012) define as representações sociais como um conjunto de explicações, crenças e ideias que permitem evocar um dado acontecimento com pessoa ou objeto, resultantes da interação social. Necessário conhecer as representações sociais das mulheres vítimas de violência doméstica e como este conhecimento cria uma realidade da vida cotidiana. Precisamos tentar entender como estas mulheres como sujeitos sociais carregam em si as características sociais e culturais do gênero e como o homem ocupa situação de dominação através dos tempos sobre a mulher.

Segundo Fonseca (2012) a maioria das mulheres que sofrem violência permanecem no relacionamento, sofrendo constrangimentos e coagidas pelos parceiros a continuar na mesma residência. Dentre as consequências desta violência, Fonseca atenta para diversos danos à saúde da mulher, tais como distúrbios gastro intestinais, lesões físicas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, sentimentos de desvalia e culpa, baixa autoestima, depressão, ansiedade, suicídios.

1.6. Preconceito e discriminação contra a mulher.

Silva (2010), frisa que a violência contra a mulher não vêm de hoje. Isto sempre existiu na história da humanidade. Ocorrendo num sistema patriarcal que condicionou as mulheres a uma posição hierarquicamente inferior.

Conforme Silva (2010), na metade do século XX, surgiu o movimento feminista que participou de forma reflexiva da modernidade, trazendo propostas de mudanças que assegurem os direitos de igualdade política e econômica das mulheres nas relações entre os homens. Este movimento contribuiu muito para nossa autoidentidade. E veio propor um questionamento a cerca do papel social da mulher na sociedade e nas relações familiares. Através deste questionamento

surgiram estudos, segundo Silva(2010) que provocaram possíveis mudanças de atitudes na sociedade sobre o papel feminino e seus direitos.

Para Silva (2010), a mulher sofre violência no dia a dia, ela está velada e subordinada ao imaginário coletivo de nossa sociedade que dá poder ao domínio masculino. E na subordinação da nossa linguagem cotidiana e até em expressões machistas e de duplo sentido. Vivemos num sistema patriarcal, machista e viril. Nós fazemos parte deste sistema de crenças e valores distorcidos. A violência vai além da simples agressão física ou sexual. Ela pode ser entendida como um sentimento de discriminação e sentimento de intolerância. Está ligada a toda prática de dominação, discriminação e preconceitos pelo qual a mulher sofre em sociedade.

1.7 Discurso da mulher agredida.

Na sociedade atual, a violência é considerada um problema de saúde pública pelos profissionais que lidam com as vítimas. Mas ainda a sociedade vê muitos casos de violência contra a mulher como corriqueiros, normais. No entanto a violência doméstica não pode ser vista sob uma ótica de normalidade, precisamos dar uma escuta a estas vítimas, deixá-las falar. Importante ampliar nosso olhar sob este fato. Pois além das consequências à saúde da mulher, devemos tentar prevenir possíveis vítimas ((ZANCAM, 2013).

Muitas mulheres têm vergonha ou sentem-se culpadas pelo que sofrem para ir a delegacia e prestar queixa contra o agressor. E algumas vezes até escondem de seus familiares o que vivenciam (SCHRAIBER, 2007).

2.MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como sendo de natureza qualitativa do tipo exploratória, que, conforme Gil (1999) tem o intento de proporcionar o aprimoramento de ideias ou a descoberta de algo que se intuiu, a fim de entender as mulheres que sofreram violência doméstica, o impacto psicológico e alternativas de recuperação das vítimas. Fazendo um levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que "estimulem a compreensão".

Esta pesquisa foi realizada com 5 mulheres vítimas de violência doméstica, na faixa etária de 18 à 45 anos.

Foram efetuadas entrevistas semi-estruturadas (apêndice B), com questões abertas. E um roteiro elaborado a partir da revisão bibliográfica e dos objetivos propostos.

Cabe salientar que todos assinarão um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice A), através do qual demonstrarão aceitação em participar do estudo e conhecimento e procedimentos para a realização da pesquisa.

A entrevista semi-estruturada preocupa-se em responder alguns questionamentos que são próprios da demanda de cada pesquisa. É necessário que os mesmos sejam baseados na referência teórica escolhida para a pesquisa. E os resultados obtidos a partir desta entrevista não será advinda apenas da teoria escolhida pelo pesquisador, mas também de todos os detalhes que compõem a entrevista (TRIVINOS, 1987).

A análise dos dados será realizada através da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Segundo Bardin apud Rodrigues e Leopardi (1999), a análise de conteúdo trabalha a partir de três fases básicas que são Pré-análise, Exploração do material e terceira fase que é a realização do tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram realizadas com 5 mulheres vítimas de violência doméstica. As entrevistadas serão listados através de letras A, B, C, D e E. A partir da análise das respostas das entrevistas, chegou-se as seguintes categorias:

Percepção da violência.

Medo e indignação.

Depressão.

Formas de enfrentamento.

Para se identificar a amostra na discussão dos resultados deste estudo, houve-se o cuidado e a preocupação para com a preservação da identidade de cada um dos participantes para que não houvesse em hipótese alguma o constrangimento dos mesmos. Para isto foi seguido rigorosamente o termo de consentimento deste estudo. Portanto nas falas ou qualquer dado retirado dos sujeitos da pesquisa, foram os mesmos identificados como letras do alfabeto, de A a E.

Caracterização da amostra:

A primeira categoria a ser exposta trata-se da PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA, nas quais mostra em como as mulheres vítimas de violência perceberam e como entendem este fenômeno da violência doméstica. A violência em geral é percebida quando ocorre a violência física, mas muitas vezes a mulher já sofre por anos e anos a violência psicológica e a sexual, sendo ofendida verbalmente, obrigada a ter relações com quem deveria viver sobre o mesmo teto, sem medo ou sofrendo agressões. Para Silva, 2012. a violência doméstica pode acontecer dentro do lar, na casa das vítimas como em outros ambientes de convívio social, onde o agressor esteja presente com a vítima. Esta violência em geral é praticada pelo marido, namorados, amantes, ex maridos, ou ex namorados. Sempre pessoas que tiveram ou tem um envolvimento emocional ou um relacionamento familiar ou intrafamiliar.

A violência doméstica para Silva, pode ser dividida em física, psicológica e sexual, a primeira envolve atos de agressão corporal à vítima, enquanto a segunda forma de agressão decorre de palavras, gestos, olhares a ela dirigidos, sem necessariamente ocorrer o contato físico” Considerando suas características, a violência psicológica geralmente evolui para a violência física. Diante dos primeiros sinais de violência doméstica, que o agressor se manifesta, ainda que não ocorra em todos os tipos a violência se inicia de forma lenta e silenciosa. E a violência sexual que é quando a pessoa obriga a ter relações sexuais contra sua vontade. Assim percebe-se a violência acontecendo com as mulheres.

É possível observar na fala das entrevistadas quando questionadas em como percebem a violência:

Entrevistada C: Eu sabia que não era certo ele me bater e obrigar a ter relações sexuais com ele. Me agredia muito, dava tapas no rosto e espancava, até eu concordar com ele. Ele me amarrou e obrigou a ter relações com ele, depois dizia que eu não era mulher o suficiente, que não valia nada.

Entrevistada D: Era muito difícil conviver sempre com discussões e brigas. Percebi que passava por violência psicológica, também pela sexual e a física.

Comecei a evitá-lo, evitava o mesmo ambiente, nos últimos meses, fui dormir no quarto da nossa filha.

Entrevistada E: Eu entendi o que passava, mas não tinha forças para enfrentar, passei por tudo ao lado dele. Era mais violência física e psicológica. Sempre que discutia partia pra agressão.

A violência doméstica contra a mulher é entendida como aquela que ocorre entre pessoas que já tiveram algum relacionamento afetivo-sexual, tendo sempre uma relação permeada com questões inacabadas que causam alguns sentimentos nas vítimas como mágoas, dependência psicológica, ressentimentos, medo e indignação. A próxima categoria refere-se a dois destes sentimentos despertados nas vítimas de violência doméstica: MEDO E INDIGNAÇÃO.

Impossível fechar os olhos diante do que estas mulheres passam com seus companheiros e as marcas deixadas na sua vida e no seu coração. São sentimentos que carregam por anos enquanto estão com seus agressores e depois que se libertam continuam a sofrer. Muitas delas sofrem anos e anos em silêncio carregando estes sentimentos de medo e indignação contra seu agressor. Para algumas mulheres o pior da violência psicológica não é a violência em si e sim o que ela traz, uma tortura mental a convivência com o medo e o surgimento da indignação.

Entrevistada A: Acho que não merecia viver aquilo com ele. Era boa pra ele, eu o amava tanto. Hoje sinto muito medo, fico indignada pela forma como era tratada.

Entrevistada B: Tive sentimentos de revolta e indignação por anos. Hoje faço terapia pra enfrentar o medo que sinto dele.

Entrevistada C: Tenho muito medo de encontrar com ele na rua. Outro dia ele me seguiu até a faculdade.

Apesar destes sentimentos serem permeados por uma relação de poder do homem em relação a sua companheira. O homem na sociedade é visto como uma autoridade máxima no núcleo familiar e esta imposição muitas vezes é um incentivo na construção de relações entre homens e mulheres o que gera os conflitos emocionais nas mulheres, o medo (GOMES, 2007).

As mulheres vítimas de violência doméstica sofrem consequências na sua saúde física e mental. O que traz o surgimento da DEPRESSÃO, que é a

nossa próxima categoria. Estas mulheres no convívio com os parceiros violentos tem dificuldades de cuidar de si próprias, procurar trabalho, estudar e desenvolver sua autonomia. De acordo com o DSM V, 2013, o Transtorno Depressivo Maior, ou a depressão como é chamada comumente tem as características principais: o humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de mudanças somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade da pessoa de funcionar. Embora possa ocorrer apenas um episódio, geralmente é uma condição recorrente.

Para Beck et al,(1997), a depressão é caracterizada com uma série de sintomas que a terapia cognitiva entende como plano psicológico, sejam disparados através dos pensamentos disfuncionais, assim trabalhamos os comportamentos disfuncionais, das mulheres que sofreram violência doméstica. Estes comportamentos envolvem sintomas afetivos como tristeza, culpa, vergonha, raiva e ansiedade; Sintomas motivacionais como desânimo, dependência e ainda sintomas cognitivos como indecisão, autocrítica, falta de concentração; Sintomas comportamentais como passividade, evitação, inércia, déficit em habilidades sociais e sintomas fisiológicos como insônia e perda de apetites.

Entrevistada A: Estou com depressão e medo de sair de casa, pois ele estava me seguindo. Ele me causou vários danos emocionais, alguns eu sei que vou carregar para sempre.

Entrevistada B: Estou fazendo terapia e tomando remédios para depressão. Sinto medo que ele volte, não consigo dormir ou comer. Vivo refugiada em casa, sinto muito desânimo e cansaço.

Entrevistada C: Estou com depressão, tomando medicamentos, comecei terapia com uma psicóloga. Tenho muita dificuldade de concentração nos meus estudos.

E a última categoria traz as FORMAS DE ENFRENTAMENTO diante da violência doméstica. A necessidade de políticas públicas que possam tentar combater esta triste realidade vivenciada na sociedade. A violência não escolhe classe social pra ter suas vítimas. Suas consequências vimos na categoria anterior podem trazer sérios danos na saúde das mulheres. As mulheres buscam ajuda psicológica, fazem a denúncia contra o agressor, tentam dar sequência as suas vidas, sendo no trabalho como nos estudos.

Para Saffioti, 1999, há uma necessidade da criação de delegacias especializadas no atendimento da mulher em relação a violência que sofre em seus lares. A vítima de violência doméstica, a mulher é inegavelmente alguém que precisa ser atendida numa delegacia de forma especializada, preferencialmente por outras mulheres para não sentir-se deslocada ao expor seus problemas em relação à violência que sofre. E ainda Saffioti, 1999 preconiza a necessidade de talvez numa primeira escuta não seja realizada por um policial ou a delegada encarregada, mas sim por uma assistente social, ou uma psicóloga, podendo fazer uma primeira triagem com a vítima e dar o encaminhamento correto: Serviço jurídico, apoio psicológico, polícia, etc. Precisamos de uma verdadeira política que combata a violência doméstica em todo o país.

Entrevistada A: Quero seguir em frente, longe dele, construir um novo relacionamento, ainda tenho medo dele, mas acredito que com o tempo vou melhorar. Continuo com meus estudos.

Entrevistada B: Estou seguindo minha vida, vim aqui dar queixa pois ele continua com as ameaças. Pretendo seguir minha vida, estou fazendo terapia. Pretendo fazer concursos e talvez mudar de cidade, pra perto da minha família.

Entrevistada D: Vou me divorciar dele. Quero voltar a estudar e continuar trabalhando, pretendo fazer um curso de cabeleireira.

4.CONCLUSÕES

A violência contra as mulheres aqui descrita me fez pensar em várias questões que se forem observadas pelos profissionais que atendem as vítimas, podem contribuir acerca de novos conhecimentos pra atendê-las de forma diferenciada, dando uma atenção ao que estas mulheres vivenciam no seu cotidiano familiar. É importante que os profissionais tenham um olhar atento ao que a vítima traz, auxiliando a mulher a perceber esta violência ainda em estágio inicial. E este profissional deve ter ainda o conhecimento que a violência sob o aspecto dos Direitos humanos é crimes contra a pessoa, buscando assim através da denúncia um mecanismo legal e do exercício da cidadania uma solução, através da denúncia. Para isto os profissionais devem estar sempre atualizados sobre o assunto. Ainda o profissional de psicologia

tentará resgatar a auto estima da vitima, oportunizando a escuta e assim a valorização da pessoa como um todo.

O sofrimento que a violência acarreta na mulher desenvolve doenças psicossomáticas das mais variadas como a depressão e despertam alguns sentimentos como medo, revolta e indignação nas vitimas de violência. Entre os fatores desencadeadores da depressão estão os eventos estressores no ambiente doméstico. A violência sofrida compromete a autoestima, levando a distorção dos pensamentos e na construção de crenças de desvalia, autodepreciação, o que interfere muito no bem estar e na saúde psicológica da mulher.

Durante a realização das entrevistas foi possível observar que a violência despertou nas minhas entrevistadas vários sentimentos como revolta, indignação, medo e causou alguns danos emocionais, mas gerou um enfrentamento de vida, busca de mudanças de atitudes. Uma conscientização na maioria de que não poderia aceitar ser tratada daquela forma. Elas ainda possuem feridas profundas na alma, mas estão se refazendo e enfrentando seus agressores.

É difícil dizer com assertividade os traumas que causou a violência doméstica nas mulheres entrevistadas, mas pude perceber uma força nelas e uma vontade de ser mais na vida. Capacidade de se refazer neste momento de vida delas foi bem perceptível. Um sentimento de independência financeira, pois nenhuma delas reside mais com o agressor, ou precisa dele financeiramente. A maioria está estudando ou pretende voltar a estudar. Todas as entrevistadas conviveram com a violência por um tempo e nos últimos meses começaram a buscar ajuda, seja numa terapia como vindo na Delegacia da Mulher prestar queixa contra o agressor.

Foi possível durante a pesquisa perceber a vulnerabilidade das mulheres diante da violência e as consequências vividas pelas mesmas, seus anseios, medos. Muitos sentimentos desencadeados nelas com esta vivência, alguns ficam presentes, outros são superados por elas. Onde fica claro que a violência doméstica é um fenômeno complexo, com causas culturais, econômicas e sociais, aliado muitas vezes à impunidade, a desigualdade cultural entre homens e mulheres, através dos tempos. E precisamos continuar no enfrentamento desta violência contra a mulher para auxilia-las a saírem

deste cenário de desumanização. Promovendo o enfrentamento da violência com novos estudos, políticas públicas que auxiliem os psicólogos e demais profissionais no suporte e escuta das vítimas e suas famílias.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM IV: Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais**. 5ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

BARBOSA, Jaqueline Almeida Guimarães; SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; BECK, A. T. et al. **Terapia cognitiva da depressão**. trad. Sandra Costa. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL (2011a). **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, DF. Recuperado de <http://spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2011/politica-nacional>

BRASIL, República Federativa do. **Lei Maria da Penha nº 11.340/06**.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6ªed. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro/ RJ,2009.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa; **Violência doméstica contra mulher: Realidades e representações sociais**. Rev.Psicologia e sociedade. Belo Horizonte/MG, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>

FREITAS, Maria Imaculada de Fátima. **Violência sexual: Narrativas de mulheres com transtornos mentais no Brasil**. Revista Panam de saúde pública, Belo Horizonte/ MG, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v37n4-5/v37n4-5a13.pdf>

GOMES, Nadielene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire; ARAÚJO, Anne Jacob de Souza; COELHO, Tâmara Maria de Freitas. **Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração**. Rev. Acta, enfermagem, Salvador/ Bahia, 2007.

OLIVEIRA, Patrícia Peres; VIEGAS, Selma Maria da; SANTOS, Walquíria JesusMara dos; SILVEIRA, Edilene Aparecida Araújo da; **Mulheres vítimas de violência doméstica: Uma abordagem fenomenológica**. Rev.Enfermagem, Florianópolis/ SC, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/714/71438421024/>

SAFFIOTI, Heleieth. I.B; **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em perspectiva, Ed, Moderna, São Paulo/ SP, 1999. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009

SCHRAIBER Lilia B, D'Oliveira AFPL, FRANÇA-Junior I, DINIZ S, PORTELLA AP, Ludermir AB, et al. **Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil**. Rev Saúde Pública. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000500014

SILVA. Luciane.L.Et all. **Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface comunic.saúde,educ. Florianópolis/SC, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009 Acesso em 08/05/2018.

SILVA, Sérgio Gomes da. **Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher**. Psicol. cienc. Brasília/ DF. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n3/v30n3a09.pdf>

SOUSA, Ane karine Alkmim de; NOGUEIRA, Denismar Alves; GRADIM, Clícia Valim Cortês; **Perfil da violência doméstica e familiar contra mulher em um município de Minas Gerais, Brasil**. Cad. Rev.Saúde. Rio de Janeiro/RJ. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v21n4/v21n4a11.pdf>

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; SOUSA, Yara Layne Resende; **Políticas públicas e violência contra a mulher: A realidade do sudoeste goiano**. Revista SPAGESP. Ribeirão Preto/ MG. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200006

TRIVINOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, editora: Atlas S.A, 1987.

VIEIRA, Leticia Becker; PADOIN, Stela Maris de Mello; OLIVEIRA, Ivis Emília de Souza; PAULA, Cristiane Cardoso de. **Intencionalidades de mulheres que decidem denunciar situações de violência**. Rev. Acta Paulista de enfermagem, São Paulo/Sp. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000300016

ZANCAN, Natália; WASSERMAN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. **A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas**. Pensando fam. Porto Alegre/ RS. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X201300010000

